



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

ALINE DANTAS DO NASCIMENTO

**AS RELAÇÕES DE PODER EM SALA DE AULA: análise dos discursos que
circulam nesse espaço**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2012**

ALINE DANTAS DO NASCIMENTO

**AS RELAÇÕES DE PODER EM SALA DE AULA: análise dos discursos que
circulam nesse espaço**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. M.Sc. Carolina Coeli Rodrigues Batista.

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2012

L935s Nascimento, Aline Dantas do
As relações de poder em sala de aula. / Aline Dantas do
Nascimento. – Catolé do Rocha, PB, 2012.
46 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade
Estadual da Paraíba, 2012. Orientação: Profa: M.Sc.
Carolina Coeli Rodrigues Batista. Departamento de Letras e
Humanidades.

1. Discurso. Sujeito. Poder e Resistência. I. Título

21. ed. CDD 370.1

ALINE DANTAS DO NASCIMENTO

**AS RELAÇÕES DE PODER EM SALA DE AULA: análise dos discursos que
circulam nesse espaço**

BANCA EXAMINADORA

Carolina Coeli R. Batista

Profa: M.Sc. Carolina Coeli Rodrigues Batista
ORIENTADORA - UEPB/ Campus IV

José Marcos Rosendo de Souza

Prof: Esp. José Marcos Rosendo de Souza
EXAMINADOR - UEPB/Campus IV

Vaneide Lima Silva

Profa: Dra. Vaneide Lima Silva
EXAMINADORA - UEPB/Campus IV

Aprovada em 28 de Novembro de 2012

CATOLÉ DO ROCHA – PB
2012

Dedico esse trabalho à minha Mãe Dinalva, ao meu Pai Manoel, e à minha irmã Alanne e ao meu esposo que tanto amo, Romário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, pois sem ele eu não teria forças para enfrentar essa longa jornada, agradeço por ter me abençoado com saúde, paz e coragem e por me proteger sempre;

À minha mãe, Dinalva Dantas do Nascimento, por sua capacidade de acreditar em mim e investir em mim, por ser meu tudo, minha maior companheira e conselheira. Mãe, seu cuidado e dedicação foi o que me deram, em alguns momentos, a esperança para seguir;

Ao meu pai, Manoel Emídio do Nascimento, que tanto me ajudou para que não desistisse do curso. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada;

À minha irmã, Alanne Dantas do Nascimento, mesmo sem gostar muito dos estudos, mas sempre me incentivou e me deu forças para seguir em frente durante todo o curso. Mana, obrigado por toda a tua cooperação.

Ao meu esposo, Romário Vieira Ribeiro, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. Meu amor, obrigado pela tolerância com que encarou a minha ausência, pela dedicação e espírito de sacrifício consentido durante a minha formação;

Às minhas amigas, Daliane e Suênia, pelo carinho e apoio de todas as horas. Cada uma de vocês merecia um parágrafo de agradecimentos por tudo o que representam em minha vida, por todo o apoio e carinho que sempre me deram, enfim, pela amizade de vocês, infelizmente não disponho de tanto espaço assim, serei breve: a Daliane fica o agradecimento pelo afeto, pelos conselhos, por ter me ouvido chorar, desabafar e pelo apoio em momentos tão delicados, amiga, você sempre fará parte da minha vida e a Suênia, pela confiança em tantos sentidos que me lisonjeiam e pelo acolhimento em sua casa. Amiga você vai ficar guardada no meu coração;

A todos os meus professores do curso de Letras, que fazem parte da Universidade Estadual da Paraíba, que de alguma forma contribuiu bastante para o meu aprendizado. O meu muito obrigado;

E em especial à minha orientadora, Carolina Coeli Rodrigues Batista, pela paciência e compreensão de sempre, pela excelente orientação e encorajamento para seguir na pesquisa e por ter me subsidiado teoricamente a fim de me esclarecer o que era necessário para a minha pesquisa. Pelo exemplo de mulher, de professora e de futura mamãe, pois sei que ela será uma ótima mãe. Pelo olhar carinhoso de incentivo, pelo abraço apertado e compreensivo. Carol o meu muito obrigado por tudo. Obrigada.

*“A educação tem raízes amargas, mas os
seus frutos são doces”*

(Aristóteles)

RESUMO

No presente trabalho, de caráter analítico interpretativista, analisaremos os discursos do sujeito-professor e do sujeito-aluno que se estabelecem no espaço da sala de aula. No momento em que um falante enuncia algo, ele o enuncia a partir do lugar social que ocupa. O enunciado está repleto de inúmeras outras vozes de outrem que perpassam a sua fala, essas vozes “representam” os discursos que se materializam no momento da enunciação, esses discursos são pré-existentes e se cruzam com inúmeros outros, construindo as formações discursivas. Portanto, é por meio do discurso que podem ser estabelecidas inúmeras relações, sendo o foco do nosso trabalho as relações de poder, que Foucault entende como “uma ação sobre ações”. O estudioso afirma que na nossa sociedade o poder está relacionado diretamente ao saber, pois, muitas vezes quem detém o saber detém o poder. Desse modo, o objetivo do nosso trabalho é refletir sobre as relações de poder que acontecem no momento aula na instituição de ensino, onde foram coletados os dados para a nossa pesquisa. Nosso estudo fundamenta-se teoricamente na Análise do Discurso de Linha Francesa, mais especificamente nas teorizações foucaultianas que envolvem temas como discurso, linguagem, sujeito-discursivo, poder e resistência. Para ilustrar nosso trabalho, utilizamos análise do nosso corpus de pesquisa - que consiste em aulas coletadas em uma escola municipal da cidade de São Bento e transcritas pelo sujeito-pesquisador.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Poder e Resistência.

ABSTRACT

In this paper, the analytic interpretive, analyze the discourses of the subject and the subject-teacher-student who settle within the classroom. The moment a speaker states something, he sets out from the social place it occupies. The statement is full of many other voices of others that go through your speech, these voices "representing" the discourses that materialize at the time of utterance, these lectures are pre-existing and intersecting with countless others, building the discursive formations. So is through discourse that can be established numerous relationships, being the focus of our work the power relations that Foucault understood as "an action upon actions." The scholar said that in our society the power is directly related to the know because often know who holds the holds the power. Thus, the goal of our work is to reflect on the power relations that occur in the classroom when teaching institution, where we collected data for our research. Our study is based on theoretically Discourse Analysis of French Line, specifically the theories of Foucault involving topics such as speech, language, subject-discourse, power and endurance. To illustrate our work, we use our analysis of the corpus of research that consists of lectures collected in a municipal school in the city of St. Benedict and transcribed by the subject-researcher.

Key words: Discourse. Subject. Power and endurance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONCEITOS BASILARES DA ANÁLISE DO DISCURSO	14
1.1 Análise do Discurso de linha francesa	14
1.2 Discurso e Linguagem	17
1.3 O sujeito discursivo	20
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 Da aquisição do <i>corpus</i>	24
2.2 Caracterização da escola: Recursos humanos e espaço físico	25
2.3 Organização Administrativa	26
3 RELAÇÕES DE PODER EM SALA DE AULA: ANÁLISE DISCURSIVA DESSAS PRÁTICAS	28
3.1 Estratégias de Resistência: aluno <i>versus</i> professor	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	44
Normas de Transcrição	45
Transcrições das aulas coletadas	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco analisar as relações de poder existentes entre o sujeito-professor e o sujeito-aluno, no momento aula, e a resistência do sujeito-aluno nesse contexto. Nosso trabalho se baseia na Análise do Discurso de linha francesa, tendo como principal objeto de estudo o Discurso.

Assim, o discurso não é a linguagem em si, mas precisa dela para se materializar, ou seja, o discurso é exterior à língua, mesmo que, se realize no momento em que fazemos uso dela. O discurso são as vozes sociais que atravessam a voz do sujeito e que o situam ideológico-historicamente. Diante do exposto, Foucault (1987) ressalta que:

Os discursos não são um conjunto de elementos significantes (signos) que remeteriam a conteúdos (coisas, fenômenos etc.) que estariam no mundo, exteriores aos próprios discursos. Ao contrário, os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala (FOUCAULT, 1987, p. 56).

Dessa maneira compreendemos que o discurso é uma prática descontínua, ou seja, às vezes se cruzam outras vezes se ignoram ou se excluem. As práticas discursivas são consideradas como o princípio da regularidade para o acontecimento do discurso, são as condições impostas aos indivíduos através de regras sociais. Portanto, moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele, mesmo que isso dependa da nossa vontade, essa não é suficiente para gerá-la e fazê-la funcionar.

Percebemos que as relações de poder permeiam toda e qualquer relação humana na sociedade, pois o poder está presente direta ou indiretamente na nossa vida social. Desse modo, interessa-nos estudar as marcas de relações de poder e da resistência ao poder nas falas do sujeito-professor e do sujeito-aluno durante o momento aula na instituição na qual foi observada.

Desse modo, o objetivo do nosso trabalho é refletir sobre as relações de poder que se estabelecem no espaço da sala de aula. Portanto, pretendemos

analisar como essas relações são refletidas no discurso do sujeito-professor e fazer uma análise interpretativista das estratégias de resistência do sujeito-aluno, que, normalmente, acontecem inconscientemente ao “poder do outro” na relação professor/aluno.

Como fundamento teórico para essa pesquisa, baseamo-nos nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente, nas teorizações de Foucault (1972). Esses pressupostos teóricos nos subsidiam com conceitos essenciais como discurso, linguagem, sujeito discursivo, condições de produção e as relações de poder, que são conceitos fundamentais para a realização dos nossos estudos.

O presente trabalho constitui-se de três capítulos, primeiro a apresentação de conceitos-chave apresentados pela Análise do Discurso de linha francesa; segundo a descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para a coleta do nosso *corpus* de pesquisa e a caracterização da escola: recursos humanos e espaço físico e como se dá a organização administrativa da instituição; terceiro, a análise no que se refere às relações de poder em sala de aula, feita a partir da análise de trechos das transcrições das aulas coletadas.

1 CONCEITOS BASILARES DA ANÁLISE DO DISCURSO

Por ser um campo de estudo bastante amplo, que envolve teorias acerca dos discursos, verdades, e relações de poder, a Análise do Discurso (AD) de linha francesa pareceu-nos o embasamento teórico mais adequado para o estudo que realizamos. Desse modo, para o melhor desenvolvimento do nosso trabalho, apresentamos, de antemão, alguns conceitos basilares da AD que nortearão nossas futuras discussões acerca das relações de poder em sala de aula, além de apresentarmos brevemente um panorama geral desse campo de estudos tão atual.

1.1 Análise do Discurso de linha francesa

A Análise do Discurso teve origem na França na década de 1960, através dos estudos do linguística e lexicólogo Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux, tendo o discurso como objeto de estudo. A Análise do Discurso percebe a língua não apenas como instrumento de transmissão de informações ou o simples ato da fala, mas vê a língua numa perspectiva discursiva, ou seja, busca-se a exterioridade da linguagem como a ideologia e os fatores sociais e históricos associados aos elementos estruturais da língua.

Com relação à Análise do Discurso (AD), Orlandi (2009, p.15) ressalta que:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

De acordo com Orlandi (2009), quando ela descreve o objetivo da AD, quer dizer que a Análise do Discurso toma a linguagem como mediadora indispensável entre o homem e o meio social e natural em que vive, desse modo, a AD não percebe a língua como um sistema abstrato, mas sim como método de interação.

Um dos precursores da AD francesa foi Michel Pêcheux, o mesmo realiza rupturas com as pesquisas estruturalistas, pois, nesta perspectiva, concebe-se a língua somente como um veículo de comunicação, limitada em si mesma, esse teórico, por sua vez, busca analisá-la a partir de aspectos que vão além do ato de

comunicação, ou seja, Pecheux começa a se aprofundar nos aspectos extralinguísticos relacionados ao discurso a fim de chegar à construção de sentidos com base nos contextos social, histórico e também ideológico. Portanto, percebe-se que a língua é tomada como produto de interação entre os sujeitos falantes, ou seja, é um veículo de interação com o mundo, tendo como propósito ocultar as questões ideológicas que são materializadas na linguagem.

Ao contrário da linguística, a AD não trabalha com a língua fechada nela mesma, mas sim com o discurso, sendo um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como um pressuposto. Para trabalhar com a história e a sociedade é necessário que ambas sejam consideradas juntas, pois uma depende da outra na construção dos sentidos.

A Análise do Discurso critica bastante a prática de como as Ciências Sociais e a Linguística trabalham a linguagem, portanto, a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Pêcheux (1975) considera que não há nenhum discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, ou seja, ambos precisam um do outro para se materializar.

Segundo Orlandi (2009), foi a partir dos anos 60 que a Análise do Discurso se constituiu a partir de três domínios disciplinares, são elas: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Portanto, o objeto de estudo da Linguística é a língua, já o da Análise do Discurso, como o seu próprio nome diz é o discurso, é isso o que lhe interessa. A AD procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não produz um único significado.

A língua, portanto, não é vista somente como uma forma de estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento. E a partir daí que entra a contribuição que a Psicanálise teve, com o deslocamento da noção de sujeito, construindo assim a relação com o simbólico, na história.

Nessa perspectiva, Orlandi (2009) define a Análise do Discurso da seguinte maneira:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito

discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.
(ORLANDI,2009,p.23)

A partir do exposto, podemos entender que a Análise do Discurso passou por essas três áreas do conhecimento, que foram imprescindíveis para sua formação enquanto área de conhecimento. Assim, cabe-nos considerar o que Orlandi (2009) ressalta sobre as noções de sujeito e de linguagem:

As noções de sujeito e de linguagem que estão na base das Ciências Humanas e Sociais no século XIX já não têm atualidade após a contribuição da Lingüística e da Psicanálise. Por outro lado, tampouco a noção de língua (como sistema abstrato) pode ser a mesma com a contribuição do Materialismo (ORLANDI, 2009, p.20).

Portanto, podemos perceber que a Análise do Discurso procura desvendar o sentido geral do discurso, pois este é um estudo cheio de complexidade, que estimula e demonstra os efeitos que produzimos no momento em que efetivamos os discursos nos diferentes contextos. Em suma, a AD nos possibilita trabalhar os processos de produção do sentido e suas determinações histórico-sociais, a partir dos quais nos permitirá compreender a linguagem como produção social. Portanto, o sujeito deixa de ser o centro e origem do seu discurso e passa a ser entendido dentro de uma rede de produção e reprodução de sentidos.

A análise do discurso é herdeira de três áreas de conhecimento: a Psicanálise, a Lingüística e o Marxismo, mas ela não se deixou levar por nenhuma delas, ao contrário a AD interrogou e questionou todas as três áreas de conhecimento. Desse modo, Orlandi (2009) ressalta que a Análise do Discurso trabalhou em confluência com esses campos de conhecimento, dessa forma ela irrompe em suas fronteiras e produz um novo objeto que irá afetar essas formas de conhecimento, este novo objeto será o discurso.

Diante do exposto, Orlandi (2009, p.17) constata que o objetivo da AD é demonstrar que “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos”. Portanto, podemos observar que através de qualquer posicionamento que assumimos há uma ideologia motivando aquilo que enunciamos. Assim, o discurso sempre está em movimento, ou seja, é uma prática de linguagem. Analisar o

discurso nos permite interpretar os sujeitos falando, como parte integrante de suas atividades sociais, nos possibilita analisar e discutir aquele enunciado que foi dito por aquele sujeito discursivo.

1.2 Discurso e Linguagem

O principal objeto de estudo da Análise do Discurso é o discurso, portanto, vale ressaltar que, o discurso não é a linguagem em si, mas precisa dela para ter existência material ou real. A noção de discurso se dá através do ato da fala, ou seja, analisar o discurso requer interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como papel fundamental nas suas atividades sócio-comunicativas. O conceito de discurso fundamenta-se principalmente nas idéias de Foucault (1973), que o define como um conjunto de enunciados regulados numa mesma formação discursiva.

De acordo com Foucault (2008, p.49), os discursos são “um conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação”. Em *Arqueologia do Saber*, ele explica que se nós compararmos o discurso com o livro ou uma obra, que possui um número extenso de enunciados relacionados entre si, podemos perceber que nem por isso ele tem que ser homogêneo, ou imediato.

Foucault (2008) explica:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade atenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2008, p.49).

Percebe-se, então, que o discurso é exterior à língua e à fala, durante a realização da atividade linguística que o sujeito realiza. Como constata Fernandes (2005), o discurso não é a língua e nem a fala, ou seja, não é a linguagem em si, mas precisa dela para se materializar, esta por sua vez realiza-se, então, por meio de uma materialidade linguística.

A língua é um fator cultural que pode ser considerado um dos mais importantes de uma nação, pois “a conquista da linguagem representa um marco no desenvolvimento do homem” (VIGOTSKY, 1987, *apud* REGO, 1995, p.63). Desse

modo, o homem adquiriu conhecimento e passou a utilizar a linguagem para interagir com a sociedade. A compreensão dos mecanismos da língua aprimora nossas possibilidades de reflexão e de expressão. Ajuda-nos a explorar nosso potencial criativo e a construir recursos para transformar aquilo que está no plano da imaginação em obra concreta. Nesse sentido, os PCNs esclarecem que:

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmos (PCNs, 2001, p. 24).

A linguagem é uma atividade discursiva e um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, ou seja, é o modo como cada indivíduo se comunica de acordo com seu grupo social e interage, ou seja, a língua(gem) é mais do que um canal de transmissão de informação, é a materialização do discurso e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-histórica enunciadas pelos sujeitos discursivos.

Portanto, uma mesma palavra pode conter vários efeitos de sentidos, de acordo com o lugar socioideológico dos sujeitos que a empregam. As vozes sociais estão repletas de ideologias que, por sua vez, se revelam através de si mesmas. Diante disso, é possível afirmar que a ideologia resulta de uma prática social, que não é subjetiva, ela nasce das atividades sociais realizadas nas experiências dos indivíduos no seu dia a dia.

Segundo Bakhtin (1986, p. 31) “um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico”. Ele afirma também que tudo que é ideológico é um signo, identificando como uma realidade ideológica, tendo uma materialidade que vai se construindo no ambiente em que se encontra o sujeito, pela sua comunicação com os outros, interagindo verbalmente.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e retrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 1986, p.31).

O autor explica que o signo reflete e retrata a realidade, ou seja, ele reflete na medida em que se refere a uma realidade que lhe é exterior e retrata porque, dentro de seus mais variados índices possíveis, um se sobressai e outros se ocultam. O autor afirma também que o mesmo signo pode ter significados diferentes de acordo com a situação histórico ou social em que se encontra o sujeito, pois todo e qualquer discurso se organiza como diálogo entre vários enunciados, estes adquiridos socialmente no dia a dia de cada um de nós.

Foucault (2008, p. 52-53) acrescenta que “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem (...) e é nessa prática que os acontecimentos do discurso encontram regularidade”. Portanto, podemos compreender que a interação envolve a prática discursiva, esta sendo o princípio de regularidade dos discursos, ou seja, são as condições impostas aos sujeitos através de normas sociais, estas que, por sua vez, vão dizer o que pode e o que não pode ser dito.

Desse modo, a subjetivação do indivíduo se refere ao processo em que este ocupa um lugar social em um determinado momento histórico. A “relação desses lugares” determina em que lugar se encontra cada indivíduo e qual é a sua função social dentro de uma comunidade. O sujeito falante inclui-se numa dada formação discursiva, no momento em que ele fala, ele denuncia a formação ideológica na qual ele está inserido através dessa formação discursiva que se materializa em sua fala.

Se observarmos com bastante atenção um evento “aula”, podemos apreender enunciados como os seguintes que constituem falas do sujeito-professor – cujas aulas constituíram os dados para nossa análise – assim, percebemos discursos vindos de um lugar social demarcado institucionalmente, o lugar de professor. Observemos:

PR: Vamos gente, comecem a fazer o exercício que eu passei na aula passada.

AL 1: Ah, professora...

AL 2: Como é que faz essa primeira questão?

PR: Olha gente, vocês vão dizer qual é o tipo de narrador que está presente no texto.

Psiu :::

Na referida transcrição, podemos perceber o discurso vindo de um determinado lugar social: o lugar de sujeito-professor em que ele se encontra. A professora tem o poder de determinar as normas e regras a serem seguidas na sala de aula, pois é a sua decisão que deve ser obedecida naquele momento de aula, porque a ela foi atribuída essa autoridade, em primeiro lugar pela instituição a qual lhe deu o título de licenciada, e, em segundo lugar, pela instituição na qual ela trabalha.

A professora, dentro da instituição de ensino, exerce várias funções primordiais, como, por exemplo, fazer com que seus alunos aprendam o conteúdo transmitido e mantê-los ocupados durante toda a aula, ou seja, é o que diz respeito às atividades realizadas na sala de aula, portanto é através destas que os alunos se mantêm ocupados. A professora fala através de um lugar social: de sujeito-professor, que impõe determinados deveres e poderes dentro da sala de aula.

1.3 O sujeito Discursivo

Para a AD, o sujeito é ideológico e histórico, pois está inserido em um determinado lugar e em um determinado momento histórico. Desse modo, ele irá posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, de acordo com o tempo e o espaço no qual estão socialmente inseridos. Portanto, o sentido e o sujeito não são transparentes, mas sim transpassados por movimento e historicidade. O sujeito discursivo, sempre deve ser considerado como um ser social, apreendido em um espaço coletivo. Com relação ao sujeito, Fernandes (2005) ressalta que:

Na Lingüística, em geral, o sujeito, quando considerado, ora é idealizado, ora é um sujeito falante, apreendido em um contexto social imediato. Para o sujeito idealizado (ideal e não real), trabalha-se com uma concepção de língua como algo abstrato, um dispositivo que o sujeito, nesse caso indivíduo, poderá aprender e, conseqüentemente, tornar-se usuário (FERNANDES, 2005, p.34).

De acordo com o autor, existem dois tipos de sujeitos, ambos com suas características, que são: o sujeito falante, ou seja, é aquele que é individual, que tem a sua natureza psicológica, baseada somente nas suas experiências, tendo

capacidade de adquirir a língua e utilizá-la de acordo com o contexto sociocultural no qual se encontra; e o sujeito falando, que se refere a um sujeito que está inserido numa conjuntura sócio-histórica-ideológica, no qual a voz é constituída de um conjunto de vozes sociais.

O sujeito da AD é, uma posição ocupada por quem fala. Por isso é muito importante que consideremos o discurso do professor e do aluno, dando relevância ao fato desses enquanto sujeitos discursivos, portanto devemos sempre abrir espaços para que os alunos expressem suas capacidades cognitivas, deixando esses constituídos como tal a partir de determinada posição que ocupam no espaço da sala de aula. E o professor deve sempre abrir espaço na sala de aula para que seus alunos possam se posicionar diante do contexto no qual estão inseridos.

Vale ressaltar que o sujeito não é homogêneo, ele se constitui de diferentes discursos, que, por sua vez, se constituem a partir do cruzamento de tanto outros diferentes discursos. Por exemplo, se formos trabalhar um tema, dentro deste mesmo tema encontraremos diferentes vozes cheias de diferentes discursos, a esse fenômeno denomina-se “polifonia”. Diante disso, podemos entender que os discursos acontecem pela interação social estabelecida em diferentes âmbitos sociais. Para Fernandes (2005, p.36), “A linguagem será apreendida sempre em uma situação social e histórica, na qual e com a qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o “eu” e o “outro” são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhe a interação”.

Segundo Authier-Revuz (1982-1984), a noção de heterogeneidade é subdividida em duas formas, a heterogeneidade constitutiva é aquela em que o sujeito compõe-se pela interação social constituída por diferentes sujeitos, já a heterogeneidade mostrada é a manifestação explícita de diferentes vozes e ela pode ser identificada na materialidade linguística. A materialização do discurso se dá através não apenas do dito, mas também do não-dito, portanto, o sujeito discursivo está “recheado” de várias vozes e, por isso, inscreve-se em diferentes formações discursivas e ideológicas.

É através das práticas discursivas que procedem as formações discursivas. Segundo Pêcheux (1990), a formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, portanto é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar, ou seja, de outras formações discursivas que repetem-se nela desenvolvendo-lhes suas evidências discursivas que são fundamentais. Diante disso, podemos

dizer que o discurso não é estável, pois ele está sempre em movimento, em constante transformação e a sua formação está repleta de outras formações ideológicas que estão sempre se completando.

Diante do exposto, em relação à formação discursiva (FD), Foucault (1971) esclarece que:

Quando em um grupo de enunciados, se pode demarcar e descrever um referencial, um tipo de desvio enunciativo, uma rede teórica, um campo de possibilidades estratégicas, então podemos estar certos de que eles pertencem ao que se poderia chamar uma formação discursiva (FOUCAULT, 1971, p.38).

Portanto, uma formação discursiva associa um grupo de enunciados. O estudioso acrescenta ainda que a formação discursiva é um sistema regulado de diferenças e dispersões (idem), fica claro assim o caráter irregular da FD. Segundo Pêcheux (1988, p.145) esclarece o seguinte sobre as formações discursivas: “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo, que em uma formação ideológica dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode ser dito”.

A formação de um discurso procede da combinação de vários discursos diferentes, ou seja, uma formação discursiva nunca é homogênea, ela sempre está constituída de diferentes discursos. O sujeito, por sua vez, não é o ponto de partida do seu dizer, mas o discurso que permeia o seu dizer já foi dito anteriormente. As formações discursivas podem ser compreendidas como sendo esses inúmeros discursos que já foram ditos de alguma forma anteriormente. Diante do exposto, Fernandes (2005) afirma que:

O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o “outro”, compreendido como exterioridade social (FERNANDES, 2005, p.40).

O sujeito pensa que é autônomo no momento da enunciação, mas há algo que é maior e anterior a enunciação, é o discurso. É a partir da enunciação que somos interpelados por várias vozes de diversos sujeitos. Ao estudar esse fenômeno, atribuímos a ele as noções do pré-construído e do já- dito.

O pré-construído são as consequências das interpretações feitas através dos enunciados que anteriormente foram produzidos em momentos diferentes e o já-dito são os pressupostos, aquilo que o falante não sabe, pois foi apagado na sua memória discursiva. Em consequência, esse já-dito sempre aparece no momento da enunciação do sujeito como algo que jamais foi dito.

Essa transformação do já-dito em jamais-dito ocorre principalmente pelas condições de produção, estas condições são bastante marcadas durante o processo de enunciação. Podemos perceber que o discurso e as condições de produção envolvem tudo que está no domínio da enunciação, estas condições são muito importantes na concepção de sentidos dentro de uma “interação dialógica”. Como explica Orlandi (2000):

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso dentro de uma conjuntura sócio-histórica (ORLANDI, 2000, p.40).

O discurso ou qualquer enunciado está relacionado com o contexto ou a situação em que foi produzido, Orlandi (2000) emprega ao contexto a denominação de condições de produção. Portanto, o sujeito ao reproduzir um discurso faz uma imagem do local em que ele enuncia, a imagem de si mesmo e do seu interlocutor, pois a existência do interlocutor (real ou imaginário) é uma condição para que o sujeito se expresse.

As condições de produção determinam o discurso dos sujeitos falantes, se tomarmos, por exemplo, os enunciados que são produzidos na sala de aula, percebemos que as condições de produção envolvem tanto as posições de sujeito-professor quanto de sujeito-aluno, sendo esses os locutores e interlocutores do discurso. Portanto, as condições de produção que envolvem as enunciações do sujeito-aluno são bem diferentes das do sujeito-professor, pois não é permitido institucionalmente que o aluno fale com o seu professor de qualquer maneira, ele deve “respeitar” o seu professor e agir educadamente na sala de aula, uma vez que o professor ocupa uma posição “superior” na hierarquia dentro da instituição de ensino.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Da aquisição do corpus

Nosso trabalho propõe-se a analisar o modo como as relações de poder estão presentes diariamente no espaço escolar, através das falas do sujeito-professor e do sujeito-aluno.

Desse modo, pretendemos analisar as transcrições das aulas coletadas na turma do 8º ano de uma escola municipal da cidade de São Bento PB. Essas transcrições das falas do sujeito-professor e do sujeito-aluno, durante momentos de aula, no ambiente escolar, irão nos mostrar como os discursos que revelam essas relações de poder emergem através das falas desses sujeitos.

O material a ser analisado nesse trabalho consiste na transcrição de 05 (cinco) horas/aula na turma de 8º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e do Ensino Fundamental Dr. Jarques Lúcio da Silva. As aulas foram coletadas no período de 07 a 11 de maio de 2012, na turma de 8º ano A da referida escola que está situada à Avenida Bernardino Soares nº 752, Centro, na cidade de São Bento-PB.

As aulas selecionadas para a coleta de dados foram as de Língua Portuguesa, que ocorrem cinco vezes por semana (5 horas/aula por semana). A professora da disciplina é formada pela Faculdade de Patos, a FIP (Faculdades Integradas de Patos), com licenciatura em Letras e Língua Estrangeira há 8 anos e possui prática docente há 3 anos na referida escola.

As aulas foram coletadas no turno da manhã, no período compreendido entre 07h e 11h 15min. A turma é composta por 40 alunos. A dificuldade para as transcrições das aulas é enorme, devido ao número de alunos na sala de aula, pois os alunos fazem muito barulho e é muito difícil identificar o que eles estão falando, portanto foi necessário ficar demasiadamente atenta para poder transcrever essas aulas. Os instrumentos para a constituição do *corpus* de análise desse trabalho foram as gravações em áudio e observação com anotação das marcas discursivas e não-discursivas não captáveis pela gravação de áudio. A anotação dessas marcas não-discursivas foi feita a partir das observações das aulas por parte do sujeito-pesquisador.

O método utilizado para a transcrição das aulas foi o recomendado por Dionísio (2005) seguindo o que propõe a “Análise da Conversação” no que concerne às normas para a transcrição. Os nomes dos alunos foram alterados a fim de preservar sua identidade.

2.2 Caracterização da escola: Recursos humanos e espaço físico

A Escola Municipal de Educação Infantil e do Ensino Fundamental Dr. Jarques Lúcio da Silva, recebeu este nome dado em homenagem ao primo e prefeito na época Milton Lúcio da Silva Filho. Fundada em 1984 e liberada em 10/10/1990 pela Lei nº 2093/90. Está situada à Avenida Bernardino Soares nº 752, Centro, na cidade de São Bento-PB.

Constata-se que a referida Escola preocupa-se em oferecer uma educação que atende à necessidade do corpo discente, não só no que diz respeito a uma educação de valores, de métodos e práticas de ensino estabelecido pelo sistema de educação, mas também em oferecer uma estrutura física, administrativa e pedagógica que possa contribuir para o ensino/aprendizagem de forma significativa.

Nessa perspectiva, a instituição possui uma área de 4.800 m² com uma capacidade de atendimento para 16 salas de aula, 01 secretaria, 01 diretoria, juntamente com a biblioteca, 01 sala para os professores, 01 sala de informática, 01 cantina, 01 depósito para merenda e outro para produtos de limpeza, 12 banheiros, 01 quadra poliesportiva e 01 pátio. A escola apresenta uma estrutura em boas condições, pois houve uma adequação feita no início do ano de 2007 pelo PAPE (Programa de Adequação de Prédios Escolares). Momento este em que foi colocada cerâmica em todo o piso e em partes das paredes, forro de PVC em todo o teto, quadro branco e marcador, além de pintura em toda a escola.

A escola também dispõe de recursos materiais que são fundamentais para complementar os conteúdos didáticos, tais como: 01 televisão, 02 aparelhos de DVD, 01 retroprojetor multimídias, 20 computadores, 03 impressoras, 04 aparelhos toca CD, 04 caixas de som, 02 microfones, 23 mapas de geografia, ciências e história, 01 esqueleto, 01 torso humano, 01 planetário, jogos educativos e 01 banda marcial.

Conforme o Projeto Político Pedagógico, a escola está preocupada com uma educação que envolva o trabalho mútuo de todos que a compõe a fim de que possa

garantir a eficácia de um processo educacional. Para que isso, de fato, se efetive é necessário que o Conselho Escolar seja formado por pessoas qualificadas e por profissionais da educação. Além destes, ainda se faz necessário a competência de alguns funcionários que contribuirão no desenvolvimento educacional e da própria instituição. Sobre essa questão, Freire (1996) adverte que é necessária:

Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico, a criatividade e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade da prática e teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que por isso, incentive os educando a pensar certo (FREIRE, 1996, p. 96).

Essa reflexão nos leva à premissa de que ser professor hoje em dia é uma tarefa árdua que requer do educador meios que o ajude a alcançar os objetivos almejados e ao mesmo tempo tornar o processo de ensino/aprendizagem mais significativo, em que o educador sinta-se realizado pelo trabalho e o educando satisfeito e grandioso por adquirir novos saberes.

2.3 Organização Administrativa

A escola é constituída por 01 diretor geral, 05 diretores adjuntos, 05 secretários, 03 agentes de portarias, 13 auxiliares de serviços gerais, 03 supervisoras e 58 professores.

No que diz respeito aos professores, estes são selecionados democraticamente, isto é, através de concursos públicos, onde cumprem com uma carga horária de 80 horas mensais e possuem um regime de trabalho estatutário. Os mesmos têm direito a 45 dias de férias, 15 de recessos e 01 folga semanal. Em relação ao tempo de trabalho destes, especificamente dos professores do ensino fundamental, são de 08 anos para a maioria e, apenas 02 anos para a minoria.

A Instituição Educacional Dr. Jarques Lúcio da Silva é uma escola de grande porte, atende 1.282 alunos matriculados nos três turnos, a partir de 6 a 14 anos de idade para o ensino Infantil, e 15 anos em diante para o Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. O diretor geral é o senhor Bernardino Carreiro da Silva Sobrinho com graduação em pedagogia.

O procedimento para a matrícula se dá através da divulgação em meios de comunicação, da pré-matrícula e visitas em casas para garantir a permanência do alunado na escola. Sua organização é feita de acordo com a faixa etária e a localização residencial em que se encontram os alunos.

Outro fator indispensável à educação está na reposição e manutenção de materiais que é realizada através da contribuição do Governo Federal com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), da secretaria de educação e pela prefeitura Municipal, pois, assim a escola consegue promover projetos e eventos sociais e culturais que possibilitem aos alunos, professores e demais funcionários a desenvolverem uma educação voltada para a construção da cidadania.

A alimentação também é indispensável para a criança, porque ela precisa estar ativa e com boa saúde para ter um bom desenvolvimento físico e intelectual, em que sua aprendizagem não esteja seriamente comprometida, deste modo, o controle da alimentação é feito por nutricionistas frequentemente, conforme a necessidade que eles precisam adquirir para estarem motivados a estudar.

As autoridades educacionais dessa instituição, tentando melhorias para a escola como um todo, passou a ouvir sugestões das pessoas que constituíam a escola para a criação de normas que viessem resolver os problemas de indisciplinas existentes no ambiente escolar, atendendo assim aos anseios dos professores que reclamavam por falta de limites nos educandos e disciplina para aqueles que usavam de atitudes de vandalismo, como também, para organizar o cumprimento da função dos funcionários. Em reunião, o Conselho elege as normas cabíveis ao funcionamento da escola que foram apresentadas a todos: pais, alunos, funcionários, professores, diretores e todos que fazem parte dessa escola, assim é criado o B. O (boletim de ocorrência), quando o aluno faz por onde receber uma advertência dessa, o mesmo leva para casa o B.O e só volta com a assinatura dos pais, com 3 boletins o aluno é suspenso e com 6 ele é expulso, dessa maneira os alunos temem a praticar atos indisciplinados.

A participação da comunidade começa acontecer, ainda que de uma forma um pouco indireta, mas os primeiros passos começam a ser dados, graças ao fato de existirem pessoas constituindo o conselho, resultado de uma formação quase por indicação, mas que são inseridas na comunidade escolar e pretendem realizar mudanças urgentes.

3 RELAÇÕES DE PODER EM SALA DE AULA: Análise discursiva dessas práticas

Nosso trabalho se baseia na Análise do Discurso de linha francesa, AD, que nos orienta que é através de um saber socialmente legitimado, voltado às questões de ensino e à demarcação de um poder regulador, que predomina a ideologia, esta, por sua vez, é quem vai determinar um “padrão” de professor, o ensino e a metodologia a ser estudada na escola. Portanto, cabe à escola o papel de reprodução dos saberes.

Desse modo, percebemos que o saber é constituído através de um conjunto de práticas discursivas e não discursivas. Para Foucault (1979), as formações discursivas e domínios não-discursivos dizem respeito às instituições, aos acontecimentos políticos e às práticas e processos econômicos, estes por sua vez são quem determina as práticas discursivas. Para o teórico, o poder não é um objeto qualquer, mas sim uma prática social que se constitui historicamente.

A partir do exposto, podemos inferir que saber e poder se implicam mutuamente, ou seja, não há relação de poder sem a constituição do saber. Quando estamos exercendo qualquer prática discursiva estamos também formando saberes. Dessa maneira, a Instituição de ensino é um lugar onde adquirimos conhecimentos e trocamos nossos saberes uns com os outros.

Nessa ótica, a linguagem é mais do que um canal de transmissão de informação, ou seja, é através da língua que se estabelecem inúmeras relações entre os sujeitos, como as relações de afeto e a de poder, das quais nos deteremos aos estudos das relações de poder, que se afirmam de diversas maneiras, mas, principalmente, através da língua que, por sua vez, é a materialização do discurso.

De acordo com Foucault (2007, p. 248), “o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.” Assim, na relação de poder entre aluno e professor, observamos que, na maioria das vezes, o aluno está numa posição inferior à do professor nessa pirâmide do poder. Observemos o seguinte trecho retirado da transcrição das aulas coletadas:

AL1: Professora, a senhora vai dar o visto no meu caderno
agora?

PR: Eu não vou dar mais o visto em ninguém, eu disse que

Eu só dava naquele dia, nem traga, eu não dou.

Gente, eu disse que eu não ia dar mais o visto em quem não tinha feito, num foi?

VA: Foi professora...

PR: Vamos sentem, ajeite as cadeiras que hoje vou passar um filme.

Façam silêncio!

Podemos observar que a professora está numa posição superior a dos alunos, ou seja, quem dá as ordens naquele momento é o sujeito professor, a função dos alunos no momento da aula é obedecer às regras postas pelo docente. A primeira marca a ser observada nas falas acima transcritas é a marca “a senhora” que está presente na fala da aluna para se referir à professora, portanto, o uso desse pronome de tratamento é uma marca discursiva que demonstra um tratamento respeitoso que a aluna tem com a professora, pois sabemos que os discentes têm o “dever” de respeitar os professores, além do que, esse tipo de comportamento faz parte das regras estabelecidas pela instituição de ensino.

Na escola na qual as aulas foram coletadas existem várias regras a ser seguidas, uma delas é bem rigorosa, que é chamada de BO, ou seja, é um boletim de ocorrência, onde os alunos que desrespeitam as regras ditadas pelo professor recebem essa advertência e só irão assistir às aulas no outro dia se vierem acompanhados por um dos pais. Se o aluno receber três advertências dessas, ele é expulso da escola, portanto, a escola usa esse BO para que os alunos se intimidem com as regras e obedeçam a seus professores. Essa é uma das maneiras que a escola julga ser a melhor providência a ser tomada. Sabe-se que o poder não é mau nem bom, mas é necessário que exista para que a ordem seja instaurada na sociedade. Assim acontece na escola, pois é imprescindível que haja meios de controle da ação dos sujeitos na qual estão inseridos, se não houver regras e normas as instituições não terão controle com os sujeitos alunos dentro da escola, por isso a suma importância do poder dentro das instituições de ensino.

O sujeito professor é quem se encontra em posição de autoridade na sala de aula, uma vez que o sujeito-aluno vai utilizar a sua resistência para poder fazer com que o professor se iniba diante desse fato, portanto, só há poder se houver

possibilidade de resistência. O aluno nem recebe tudo de bom grado, nem tampouco aceita tudo o que vem do professor, o poder transita, passa de mão em mão, não é fixo nem é de ninguém. Desse modo, uma hierarquia de poderes é estabelecida, onde refletirá em efeitos de poder nos discursos que serão produzidos pela instituição, esta por sua vez é que determina as posições dos sujeitos.

Desse modo, no momento da aula podemos perceber que existem práticas de ordem não-discursiva, ou seja, são as práticas não expressas pela linguagem, deixando envolver uma série de ações, sem que envolva a fala e a escrita. O posicionamento em que o professor ocupa na sala de aula é uma prática não-discursiva. Analisemos o seguinte trecho:

PR: Pessoal, o que é isso, ein?

Vamos se sentem...

Ei, meninas, entrem e fechem a porta, agora!

Maria Clara, **sente**, por favor...

Talita, por favor, pare de gritar e **vá se sentar**.

Diante do exposto, podemos analisar que esse trecho da transcrição acontece logo no início da aula, onde os alunos estavam esperando a professora entrar. Assim que a professora chega alguns alunos entram e se sentam, outros não. A professora começa a ajeitar a televisão para passar um filme, enquanto isso há muito barulho na sala. Fiquemos atentos para a insistência da professora para que os alunos ocupem seus lugares e fiquem em silêncio.

Podemos perceber que a insistência para que os alunos se sentem e permaneçam em silêncio é grande, pois a professora quer dar início ao filme e com aquele barulho é impossível a audição desse. Antes de dar início ao filme, a professora quer explicar algo muito importante. A sua insistência pedindo para que os alunos se sentem revela que o sujeito-professor tem que manter o controle sobre aquela turma, por isso é necessário que haja silêncio e que os alunos permaneçam sentados para escutar a professora, pois a aula precisa de vários procedimentos padrão para que venha a acontecer com êxito.

Assim, percebemos que a prática não-discursiva revelada nesse momento de aula é a de que somente o sujeito-professor pode dar as ordens e ficar de pé durante

a aula, ou seja, o aluno tem que ficar a maior parte do tempo da aula sentado e em silêncio. Caso isso não aconteça, não ocorrerá a aula, portanto essa prática não-discursiva interfere completamente na execução do acontecimento aula. Essa prática é perpassada pelo poder disciplinar, do qual fala Foucault que é retomado por Veiga-Neto (2003).

Para Veiga-Neto (2003), o poder disciplinar age no nível dos saberes, pois é nesse campo que a escola exerce um papel de grande importância. Desde a infância, o indivíduo passa quase todo o seu tempo na escola, portanto a sua segunda casa é a escola, tornando-se um lugar onde construímos amizades e adquirimos cada vez mais conhecimentos, ou seja, há uma troca de saberes uns com os outros.

Nessa perspectiva, é na sala de aula que o professor é quem detém o saber científico, válido institucionalmente, passando assim a ser também o “detentor” do poder no momento de aula. É ele quem vai avaliar cada aluno de acordo com os saberes dominados por cada aluno, portanto o aluno passa a ser “vigiado” pelo professor. Nesse sistema de vigilância, de “obtenção” de saberes, e de conseqüentes relações de poder que o sujeito-aluno passa a ser avaliado e classificado, pelo sujeito-professor.

Desse modo, o sujeito-professor não detém esse poder aleatoriamente, mas sim, porque foi conferido a ele esse mérito de exercer esse poder no ambiente de aula. No caso do nosso objeto de estudo, é conferido ao professor o capital de confiança para que ele eduque e transmita os seus conhecimentos para os alunos. Tal fato nos mostra que o discurso do professor é um discurso socialmente aceito e legitimado, atribuindo confiança e respeito e fazendo com que seus aprendizes incorporem o valor persuasivo das verdades da palavra do professor.

De acordo com a perspectiva foucaultiana, o poder seriam forças que estão dispersas por toda a sociedade e que estabelecem relações entre os sujeitos. Segundo Veiga-Neto (2003), tanto Foucault quanto Nietzsche falam dessas mesmas forças, observe:

As forças não estão nas mãos de alguns autores ou de algum grupo que as exercem sobre outros. Elas não são colocadas em movimento como resultado de arranjos políticos ocultados; elas não emanam de algum centro, como o Estado (nem mesmo o absolutista), ao contrário, tais forças estão distribuídas por todo o tecido social (VEIGA-NETO, 2003, p. 73).

As forças de que tanto Foucault quanto Nietzsche falam são as que determinam as relações de poder existentes na sociedade, ou seja, não estão somente limitadas a uma instituição, mas sim, envolvem todas as camadas sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Em suma, Foucault (2007, p.249) quer nos mostrar que o poder é “uma ação sobre outras ações”. Podemos entender que esse poder não é ruim nem bom, mas que é preciso que ele exista para haver ordem na sociedade, porque se não houver regras e limites dentro de uma sociedade, a mesma não vai ter um bom desenvolvimento.

O cotidiano da sala de aula está cheio de ordens e regras a serem seguidas, o funcionamento do poder que ocorre na sala de aula está compreendido de idéias que se exercem por meio de estratégias que o sujeito-professor utiliza na sala de aula para fazer com que o aluno faça o exercício proposto e que seus efeitos não são atribuídos a uma apropriação, mas a manobras táticas e técnicas que o professor utiliza no momento da aula. Vejamos o exemplo da transcrição abaixo:

PR: Ei, você Erick vá sentar!

Vá fazer seu exercício!

AL4: Professora, a senhora deixa eu ir no banheiro?

PR: Vá fazer seu exercício, quando você terminar eu deixo.

AL4: Ome, professora deixa, eu volto logo...

PR: Não vai!

Vá sentar!

Com base na transcrição acima, podemos perceber que além da professora aplicar as regras, ela utilizou estratégias para que o aluno só possa ir ao banheiro se o mesmo for fazer o exercício determinado por ela, ou seja, se o aluno estiver mesmo com muita vontade de ir ao banheiro ele vai ter que obedecer as regras dadas pela professora e vai ter que fazer o exercício. Muitas vezes, o aluno não necessariamente pede para ir ao banheiro porque tem necessidades fisiológicas urgentes, algumas vezes, esse é um tipo de resistência que ele faz ao poder da professora, é um modo de não fazer o exercício e de sair do campo de supervisão

da professora, que é a sala de aula. O professor, por sua vez, utiliza-se do poder de seu discurso para controlar e inibir esses focos de resistência utilizados pelo aluno.

3.1 Estratégias de Resistência: aluno *versus* professor

O poder, como podemos perceber não é absoluto, ou seja, agora podemos ser opressores, daqui a pouco segundos, quem sabe oprimidos, assim o poder está sempre se deslocando, todos nós de alguma forma temos força e poder sobre algo, ao passo que nos submetemos á força e ao poder de alguém. Assim como diz Foucault (2004), essas ações variam de acordo com a posição do sujeito, pois dependendo do fato, ora ele pode ocupar a posição de subordinado, ora pode dar a volta por cima e se tornar um subordinante, portanto, o poder é efêmero. E não há opressores e oprimidos determinados.

Diante do exposto, percebemos que onde existe o poder há, portanto uma resistência dos indivíduos. Essa resistência seria o indivíduo que estaria se sentindo oprimido com relação ao poder do outro. Desse modo, podemos perceber que só existe relação de poder quando há possibilidade de resistência de quem está se sentindo subordinado a alguém. Se observarmos essa resistência por parte do sujeito-aluno em relação ao poder do sujeito-professor, podemos perceber que o sujeito-aluno desenvolve estratégias que demonstram a sua não-subordinação em relação à posição de poder que o sujeito-professor ocupa, percebe-se isso através das atitudes tomadas pelo sujeito-aluno. Tomamos como exemplo um aluno que se recusa a fazer um exercício proposto pela professora, esse aluno vai usar várias estratégias para não fazer o exercício, ou seja, ele vai apresentar uma resistência à determinação da professora a fim de resistir ao poder que esta representa.

Com relação à resistência, Foucault (2006) ressalta que:

as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. (FOUCAULT, 2006, p. 232)

Diante dessa perspectiva, considerando o ambiente de sala de aula, podemos perceber que se o aluno resiste ao poder do professor, este, por sua vez, usa meios mais eficazes de reagir ao poder do aluno, ou seja, quanto maior for a resistência do aluno, maior serão as técnicas de poder usado pela professora, pois a mesma vai manter o controle sobre a turma para que a aula possa transcorrer dentro das suas perspectivas. Analisemos, portanto, o que aconteceu durante uma realização do exercício proposto pela professora na sala de aula:

AL2: Professora, esse exercício vai valer quanto?

PR: Vou contar todos os vistos e vou somar com a participação e a frequência, aí eu vou dar a nota.

AL2: Não professora, assim não!

((A professora tira dúvidas individualmente))

PR: Cuide em fazer o exercício, Pablo!

Pode responder!

AL2: Eu não sei fazer não!

PR: Leia o texto que você sabe!

Vocês tem que ler todo o texto, para depois responder...

AL2: Professora, eu não trouxe o livro.

PR: Quem não trouxe o livro, se junte com outro colega.

Faça!

PR: Vamos meninos... Vão se sentar!

Façam o exercício agora!

Podemos perceber, nas transcrições acima, que primeiramente o aluno quer saber se o exercício vai valer algo, pois se não valer ele provavelmente não vai fazer, logo a professora diz que vai ser uma nota, é nesse momento que ele pede que não faça isso, pois não quer fazer o exercício. Portanto, o aluno se nega a cumprir o exercício proposto pela professora dizendo que não sabe fazer, mas ela insiste dizendo que é só ler o texto e saberá responder às questões. O aluno resiste novamente dizendo que não tem livro, a professora com mais intensidade reforça que é muito fácil de resolver este problema, pois é só procurar um colega que trouxe

o livro e fazer com ele, ou seja, a professora está sempre usando estratégias para que o aluno faça o exercício, para que o aprendiz se renda e obedeça às regras determinadas por ela.

Assim, diante do exposto, é perceptível que em momento algum a professora se rende ao poder representado pelo aluno, ela resiste até o fim, fazendo com que o aluno desista e lhe obedeça, esse posicionamento é necessário para que ela mantenha a sua autoridade não só sobre o aluno, mas sim, sobre toda a turma.

A transcrição acima mostra a resistência do aluno ao poder da professora, mesmo sabendo que ele “encontra-se em situação inferior” em relação à professora na escala de poderes piramidalizada na escola, portanto, mesmo estando em posição de desvantagem, sempre que ocorre uma relação de poder, ocorre também a resistência, independente das posições em que são ocupadas pelos sujeitos que estão envolvidos nessa relação.

Desse modo, o sujeito-aluno vai utilizar várias estratégias de resistência para fazer com que o sujeito-professor desista, mas percebe-se que essas estratégias são inúteis, pois o professor é quem detém o poder o maior tempo em sala de aula. O professor, por sua vez, utiliza-se do poder de seu discurso para controlar e inibir esses focos de resistência. Assim, o aluno percebe que medir forças com o sujeito-professor é uma tarefa desgastante e que muitas vezes acaba se rendendo e obedecendo às ordens postas pelo professor.

Diante do exposto, podemos observar que a escola exerce um poder disciplinar sobre o sujeito-aluno, assim como explica Pongratz (2008):

O poder disciplinar instala formas particulares de ação nos indivíduos arranjando-os espacialmente (por meio do confinamento, subdivisão, definição de funções e classificação hierárquica), pelo controle temporal de suas atividades (pela quebra de operações e estabelecimento de unidades de tempo), pela subordinação a uma moldura temporal (com uma sequência definitiva de orientações relativas a meios e fins, com exercícios e exames) e por frequentemente conectar essas regras umas às outras (PONGRATZ, 2008, p. 45-46).

Por conseguinte, percebemos a escola como uma instituição que dita as regras para serem seguidas e obedecidas pelos alunos. Portanto, ela tem a função de “controlar” os indivíduos, para que estes se tornem “dóceis” e “prontos” para o

convívio na sociedade moderna, mesmo não sendo, esses indivíduos, “miras apáticas do poder”.

Desse modo, podemos observar esses artifícios do poder disciplinar fortemente presentes na sala de aula, como, por exemplo, no trecho abaixo da transcrição das aulas coletadas:

- PR: Meninos, por favor...
Oh, Caio Douglas...
Pessoal, vou fazer algumas questões sobre o filme.
Copie, pois vai valer nota.
- AL1: Quanto vai valer professora?
- PR: Vou contar todos os vistos e vou somar com a
Participação e a frequência, aí eu vou dar a nota.
(Enquanto isso, a professora vai até o quadro e começa a
Copiar as questões))
- PR: Ei, façam silêncio e vão copiar as questões.
Erick e Caio Douglas... parem com isso agora!
Vão copiar o exercício e pare com essa conversa.
To avisando, vai valer uma nota.

Quando a professora fala dos pontos de participação acrescentados à nota e obtidos através da execução dos exercícios propostos em sala de aula esses pontos são utilizados como instrumento disciplinador a fim de docilizar esses corpos, ou seja, é uma maneira de fazer com que os alunos cumpram aos exercícios propostos. Nesse caso, os exercícios são realizados no caderno e no momento em que os alunos terminam, os mesmos vão até o seu birô para que a professora possa dar os vistos nos cadernos dos alunos. É através das observações das aulas coletadas que se pode perceber que os alunos se interessam bastante pela obtenção desses vistos, visando aos pontos de participação e frequência que aumentarão suas notas. A pontuação é, assim, utilizada como um recurso de controle das ações do sujeito-aluno.

É perceptível que a professora durante todo o momento de aula, fica chamando a atenção dos alunos e dizendo que os exercícios vão valer uma nota,

esta por sua vez, utiliza esse argumento, muitas vezes para controlar os alunos, como podemos observar na seguinte situação:

PR: Vamos, cuidem em responder o exercício...

Vai valer uma nota.

AL5: Professora, num vai dar tempo terminar hoje não.

PR: Eu sei, como hoje é sexta-feira, vocês terminam em Casa e na segunda-feira eu dou o visto.

Gente, só dou o visto segunda, lembrem.

Depois eu não dou mais, estão ouvindo?

VA: Sim professora...

PR: Façam silêncio...

PSIU!

Pessoal, **segunda-feira eu conto os vistos para dar**

A nota.

Diante do exposto, percebemos que as atividades deveriam ter o objetivo de auxiliar no ensino enquanto exercício para fixar o conteúdo aprendido, porém torna-se um instrumento de controle e disciplinador dos alunos, ou seja, se aquele exercício não for valer nenhuma nota, muitos alunos não o farão. Então a professora utiliza o exercício como recurso para inibir e controlar os alunos, para que estes possam se manter quietos em sala de aula. Vale ressaltar que percebemos durante as transcrições que é o momento em que a turma fica mais quieta é no momento em que está realizando o exercício. Podemos perceber que é comum nessa idade os pré-adolescentes não gostarem de frequentar a escola. Pois, os mesmos não têm noção da importância de estudar, a grande maioria está ali porque os pais obrigam, isso é natural, não é nenhum crime, a função dos pais é essa mesma: decidir pela criança que ainda não tem autonomia nem discernimento para fazê-lo. É perceptível nas transcrições que os alunos supervalorizam o momento em que o sinal toca, vejamos o exemplo:

AL5: Acabo::ou ((Referindo-se à aula))

AL6: Professora, acabou!

((O sinal toca))

AL5: Já acabou à aula...

PR: Eu sei, já vou sair.

Desse modo, podemos observar a insistência dos alunos para que a aula acabe. Assim, essa insistência do aluno revela não só a resistência ao que a professora representa, mas sim um desinteresse muito grande por parte dos alunos no momento da aula.

Analisemos, por exemplo, o seguinte trecho onde fica explícito a função do exercício na sala de aula:

AL1: Professora, a senhora vai dar o visto no meu caderno agora?

PR: Eu não vou dar mais o visto em ninguém, eu disse que só dava naquele dia, nem traga que eu não dou.

Portanto, fica explícito que, além dos exercícios serem utilizados enquanto instrumento disciplinador e terem como objetivo a obtenção de um visto, que será correspondente a uma determinada pontuação acrescida na nota, esse visto é utilizado como uma forma de punição, ou seja, aquele aluno vai ficar sem a nota, porque não entregou no prazo estabelecido pela professora.

Logo, percebemos que o importante não é que o aluno tenha realizado ou não a atividade, mas sim se ele terminou o exercício no prazo estabelecido, ou seja, naquele dia tinha que terminar o exercício em sala e não em casa. Terminar o exercício em casa não adianta, pois o exercício é instrumento disciplinador na sala de aula, assim só terá função se for feito em sala de aula.

Quando um professor determina um prazo para ser entregue o exercício, naquele momento ouve um “acordo” entre o professor e o aluno, se o aluno não cumpre a culpa é dele mesmo, pois ambos combinaram, se o aluno não o cumpriu está desrespeitando às ordens dadas pela professora, tendo em vista que a escola é quem determina os prazos das notas a serem postos no diário. Cumprir o que foi

estabelecido nesse espaço/tempo é necessário para que o processo de ensino seja eficaz.

Diante do exposto, podemos concluir que são através dos mecanismos de controle do discurso e do disciplinamento que se buscam docilizar os alunos e que a identidade do sujeito-aluno é construída através dos poderes que lhes são conferidos nesse espaço escolar. Assim, da mesma forma, a identidade do sujeito-professor é construída nesse ambiente de sala de aula, a partir do modo como as relações de poder se estabelecem. Diante do exposto, pode-se apreender que é a partir das práticas discursivas e não-discursivas que se constroem as identidades do sujeito-professor e do sujeito-aluno no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, é perceptível como o sujeito se constitui através do discurso, portanto o sujeito do discurso é condicionado pela ideologia e pela formação discursiva, o que irá permitir que o sujeito poderá ou deverá falar em um determinado contexto, dessa forma, todo discurso está repleto de ideologias. As vozes sociais estão permeadas de ideologias que se manifestam através destas, pois a ideologia materializa-se através do discurso, que por sua vez, materializa-se através da linguagem em dado momento histórico.

Ao realizar esse estudo, pretendemos analisar as marcas na fala do professor que revelassem o exercício de poder e as marcas discursivas e não-discursivas que revelassem a resistência do aluno em relação a esse poder exercido pelo professor, além de analisar o espaço escolar enquanto instituição disciplinar, a qual está repleta de normas e regras a serem seguidas.

Através desse estudo pudemos perceber que o sujeito-aluno está cada vez mais crítico e dono de suas vontades, talvez esse seja o motivo pelo qual o professor encontre dificuldades em manter a disciplina em sala de aula nos dias atuais. O sujeito-professor, que, por sua vez, não representa mais tanta autoridade em sala de aula, desenvolveu estratégias de resistência ao poder exercido pelo aluno, o que é um movimento natural.

Diante do exposto, percebemos, através da análise do nosso *corpus* de pesquisa que é o sujeito-professor que se mantém, ainda, a maior parte do tempo no exercício do poder, em sala de aula. O sujeito-professor lança mão de recursos de controle que amenizam o comportamento do sujeito-aluno a todo o momento do acontecimento aula. O sujeito-aluno utiliza vários meios de resistência para tentar subornar o professor, mas o aluno acaba sempre perdendo, pois o poder do professor é “maior” do que o do discente.

Percebemos que esse exercício do poder a maior parte do tempo e essa regulação do comportamento do sujeito-aluno são necessários para que a aula possa transcorrer de modo organizado, com os exercícios determinados para cada momento, com o professor coordenando a participação de cada aluno em sala, entre outras práticas. A partir desses procedimentos do acontecimento aula é que poderá ser cumprido o principal dever atribuído à escola, que é “educar” os indivíduos que

ali estão e transmitir-lhes o conhecimento necessário para que eles estejam aptos a viver e atuar na sociedade em que se encontram.

É importante deixar claro que todo este levantamento e análise do *corpus* coletado não nos concede o direito de culpar o professor pelo modo como ministra suas aulas de Língua Portuguesa. Salientamos, entretanto, que, ao dizer que há domínio e tentativa de controle na construção da significação por parte do professor sobre seus alunos o professor também é orientado por ideologias, conceitos determinados social e institucionalmente, não podendo, portanto, este ser julgado e condenado como um ser perverso, detentor e castrador.

A partir do que foi exposto, propomos uma reflexão diferenciada sobre situação do sujeito-professor e do sujeito-aluno na nossa sociedade a partir da observação das relações de poder, denunciadas nas práticas discursivas e não-discursivas desses sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. (volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. (trad. Michel Lahud e Yara Vieira) 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais, língua portuguesa**. 3.ed. Brasília, 2001.

DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. **Introdução à linguística; domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____, M. **Sobre a arqueologia das ciências humanas: resposta ao círculo epistemológico**. In: ____ et al. **Estruturalismo e teoria da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ética, sexualidade e política**. Trad: Elisa Monteiro e Inês Autram Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____, M. **Estratégia, poder-saber**. Col. Ditos e escritos IV (org. Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____, M. **A arqueologia do saber** (trad. Luiz Felipe Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

_____, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8 Edição, Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊUCHEUX, M. (1975). *Lês Vérités de La palice*, Maspero, Paris, trad. Brás. **Semântica e discurso**, Eni Orlandi et alii, Editora da Unicamp.

_____, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas: EDUNICAMP, 1988.

PONGRATZ, Ludwing A.. Liberdade e disciplina: transformações na punição pedagógica. In.: PETERS, M.A., BESLEY, T. (orgs.) **Por que Foucault?**: novas diretrizes para a pesquisa educacional. Trad.: Vinícius Figueira Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2008. (p. 40-53).

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 17ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ANEXOS

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais indicativos
1. Indicação dos falantes	Os falantes são indicados Com as letras iniciais que Representam sua função, por exemplo: AL1: Aluno PR: Professora DR: diretora VA: Vários Alunos
2. Pausas	...
3. Alongamento de vogal	: (Pequeno) :: (Médio) ::: (Grande)
4. Silabação	-
5. Segmentos Incompreensíveis ou inteligíveis	() (inteligível)
6. Interrogação	?
7. truncamento de palavras ou desvio sintático	/
8. Comentário do transcritor	(())
9. Leitura ou citação	“ “
10. Superposição de vozes	[

Fonte: DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2005.

TRANSCRIÇÕES DAS AULAS COLETADAS

Legenda:

PR= Professora

AL= Aluno(a)

VA= Vários Alunos

8º "A" :

AULA 1 – 07 DE MAIO DE 2012

((Há um atraso de 15 minutos por parte da professora))

PR: vamos gente, comecem a fazer o exercício que eu passei na aula
Passada.

AL 1: Ah, professora!

AL 2: Como é que faz essa primeira questão?

PR: Olha gente, vocês vão dizer qual é o tipo de narrador que está
Presente no texto. Psiu :::

AL 2: Quais são os tipos de narrador, professora?

PR: Tem o narrador psicológico, o personagem e o observador.

AL 3: Olhe professora, ele acertou.

PR: O narrador personagem é aquele que narra em 1º pessoa, né
Verdade?

PR: ()

PR: De acordo com o texto o narrador é o personagem ou o
Observador?

((Respostas a esmo))

PR: Vamos gente, respondam o exercício, vai valer nota.

((Muitas conversas paralelas))

AL 4: Hei, você já fez as respostas?

AL 5: To fazendo agora.

AL 4: Quando você terminar, você me dá?

AL 5: Não sei se ta certo não.

PR: Psiu!

Oh, Paulo por favor...

Vá sentar, vá!

Gente silêncio, por favor...

Terminou... Allan...

Borá Allan, pare...

AL 6: Professora e a questão 3, como é?

PR: Você vai dizer qual é o tempo da história...

VA: ()

AL 7: Hei, Professora eu posso trazer na outra aula?

PR: Allan eu vou ter apagado. Como é que você vai fazer...

Allan, faça o exercício, vai ser uma nota!

Psiu, gente!

A questão 3 você vai dizer se o tempo é cronológico ou Psicológico.

AL6: Ah, já entendi, agora vou fazer...

((A professora vai andando na sala e tirando as dúvidas dos alunos))

PR: Ei, você Erick vá sentar!

Vá fazer o seu exercício.

AL4: Professora, a senhora deixa eu ir no banheiro?

PR: Vá fazer seu exercício, quando você terminar eu deixo.

AL4: Ome, professora deixa, eu volto logo...

PR: Não vai, vá sentar!

Vá fazer o exercício que é melhor.

Psiu, façam silêncio...

((A professora tira dúvidas individualmente, passando nas carteiras dos alunos, enquanto isso o sinal toca))

AULA 2 – 07 DE MAIO DE 2012

PR: Ei, vamos ver se vocês terminam esse exercício nessa aula.

Já passaram tempo demais nesse exercício.

Quero que vocês terminem nessa aula.

AL1: Professora só falta 1 questão para mim terminar...

((Os alunos conversam alto))

- PR: Ei, psiu! O que é isso?
Ta bom, parou a brincadeira.
Psiu! Vamos terminar o exercício em silêncio...
- AL2: Professora esse exercício vai valer quanto?
- PR: Vou contar todos os vistos e vou somar com a participação
E a frequência, ai vou dar a nota.
- AL2: Não professora, assim não!
((A professora tira dúvidas individualmente sobre o exercício))
- PR: Cuide em fazer o exercício, Pablo!
Pode responder...
- AL2: Eu não sei fazer não!
- PR: Leia o texto que você sabe!
Vocês tem que ler todo o texto, para depois responder...
- AL3: Professora, deixe eu ir no banheiro?
- AL4: Não ele não, deixe primeiro eu.
- PR: Se começar com esse muído não vai ninguém!
((Muitas conversas paralelas))
- AL2: Professora, eu não trouxe o livro.
- PR: Quem não trouxe o livro, se junte com outro colega e faça!
Vamos meninos... vão sentar!
Façam o exercício agora!
- AL2: Vou pegar um livro na outra sala.
- PR: Ta bom, vá fazer sua atividade.
Psiu! Façam silêncio, desse jeito não tem como fazer o
Exercício...
- ((Os alunos continuam fazendo a atividade, enquanto a professora tira dúvidas individualmente sobre o exercício.))
- PR: Vamos gente, só vou dá o visto nessa aula...
- AL3: Num vai dá tempo não.
- PR: Dá, pare a conversa que dá tempo, vamos cuide!
((Muitas conversas paralelas))
- PR: Gente, façam silêncio por favor.
- AL7: Professora, eu posso ir no banheiro?
- PR: Não, agora não, vá fazer o exercício, quando você

Terminar, eu deixo.

AL7: Ome professora, eu não to entendendo nada.

PR: O que é que você não ta entendendo Paula?

AL7: Essa questão aqui.

((A aluna aponta para a questão que está escrita no livro))

PR: Você vai dizer em que tempo esta o texto, se é o Cronológico ou o psicológico. O tempo cronológico Obedece uma ordem, uma sequência, já o psicológico, O eu-lírico demonstra suas atitudes dentro do texto, Entendeu? É só ler o texto.

AL7: Ta bom, vou tentar fazer.

((A professora tira dúvidas individualmente nas carteiras dos aluos))

((Muita conversa))

PR: Oh, Allan, vá sentar no seu canto e vá fazer o exercício. Você ta incomodando seus colegas. Borá sente e faça O exercício.

AL2: Ei, Mariana você foi pra praça ontem?

AL3: Fui não, você foi?

AL2: Fui sim, seu paquera tava na choperia.

AL3: Pai não deixou eu ir não. Ah, que raiva que eu tive. Já me disseram que ele tava.

PR: Silêncio, as duas pare a conversa e faça o exercício.

AL2: Oh, Professora eu to fazendo.

PR: Apois termine, vamos.

Ei, vocês que estão ai na porta, vão sentar!

Vamos saia da porta, se for assistir aula entre.

AL1: Professora, a senhora vai dar o visto hoje?

PR: Depende, se vocês terminarem hoje, eu só vou dar em Quem terminou, nem traga quarta-feira que eu não dou.

AL4: Oh, professora, to terminando.

PR: Ei, que barulho é esse?

Psiu, o que é isso?

Vá sentar, Michele vá!

((A professora sentou para dar o visto em alguns alunos))

AL5: Acabou::ou ((Referindo-se à aula))

AL6: Professora, acabou!

((O sinal toca))

AL5: Já acabou à aula...

PR: Eu sei, já vou sair.

PR: Pronto pessoal, eu vou para a sala dos professores,
Só aceito o caderno até o fim da aula.

Quem terminou me procure lá.

Pronto pessoal, quarta-feira eu vou passar um filme

Para a gente assistir, é muito bom.

É um romance.

AL1: Tchau professora, até quarta.

PR: Até...

AULA 3 e 4 – 09 DE MAIO DE 2012

AL1: Professora, a senhora vai dar o visto no meu
Caderno agora?

PR: Eu não vou dar mais o visto em ninguém, eu
Disse que só dava naquele dia, nem traga que eu
Não dou.

Gente, eu disse que não ia dar o visto em quem não
Tinha feito, num foi?

VA: Foi professora...

PR: Vamos sentem, ajeite as cadeiras que hoje vou
Passar um filme.

Façam silêncio!

((A professora passou um filme: Cartas para Julieta- Romance))

PR: Preste atenção no filme, porque depois vou passar
Um exercício sobre o filme e vai valer nota.

((Vários alunos conversam e gritam, apesar da professora tentar organizar, muitos falam e fica impossível compreender a fala de cada um))

((Uma aluna entra na sala cantando e dançando))

PR: Tatiane, pare de cantar, vá se sentar e faça silêncio,
Se não quiser assistir o filme, saia!

AL1: Ta bom, vou assistir.

PR: Pessoal, o que é isso ein? Vamos se sentem.
Ei, meninas entrem e fechem a porta agora.
Maria Clara, sente por favor...

Talita, por favor, pare de gritar e vá sentar.

AL2: Professora, qual é o nome do filme?

PR: Cartas para Julieta, é um romance, preste atenção,
Pois vou passar um exercício sobre este filme.

Psiu, agora sem conversa!

Pare a conversa!

((O filme começa, e ate que fim, os alunos ficam em silêncio))

AL3: Professora, abaixe o som está muito alto.

((A professora pede a um aluno para arrigular o volume do som que está muito alto))

((Um celular de um aluno toca))

PR: Psiu!

Desligue o celular, ou então saia!

AL4: Professora, como é o nome desse filme?

PR: Eu já disse, você não ouviu porque?

AL4: Diga professora, eu não ouvi.

PR: Vou dizer pela última vez. Cartas para Julieta.

Pare, viu Joaquim!

((Duas meninas começam a conversar))

PR: Ei, vocês ai na frente, pare com a conversa.

Psiu, ei, por favor.

AL5: Professora, deixe eu ver a capa do filme.

((A professora passa a capa do filme para a aluna))

PR: Façam silêncio, desse jeito não tem como escutar.

Psiu!

((O sinal toca))

AL6: Eita, tocou.

PR: Tem outra aula ainda.

AL4: Professora, deixe eu ir tomar água?

PR: Vá, mas volte logo.

VA: Eu vou também.

PR: Psiu, sai sem fazer barulho.

((Vários alunos começam a conversar))

PR: Quem não quer assistir, saia!
Psiu, façam silêncio.

((Um aluno entra e bate a porta com muita força))

VA: Pare com isso.

PR: Pare Erick, se continuar com isso, esse
Engraçadinho vai ganhar é um BO daqui a pouco.

((O aluno entra em silêncio e se senta))

AL7: Ei doido, vamos lá pra fora?
()

PR: Erick, só vou pedir essa vez, você não é
Nenhuma criança.

((Vários alunos começam a conversar))

PR: Vocês vão parar ou eu vou desligar.
Psiu, Andressa faça silêncio!
Ei, vocês dois vão conversar lá fora.

((Um aluno bate na mesa))

PR: Se você bater mais uma vez eu dou um
BO em você. Faça silêncio!

AL4: Cale a boca, eu quero assistir.

PR: Façam silêncio agora!

((Então a sala fica em silêncio por alguns minutos))

AL5: Professora, estou achando esse filme ótimo.

PR: Realmente é uma história linda.

AL5: Professora, ela se apaixona por ele?

PR: Vamos assistir, se eu disser vai ficar sem
Graça.

((Os alunos estão todos em silêncio))

AL5: Ai que coisa linda.
 ((O filme acaba e o sinal toca))
 PR: Gente, na próxima aula eu passo o exercício.

AULA 5 – 11 DE MAIO DE 2012

PR: Gente, o que é isso ein?
 Vamos, façam silêncio...
 Entre meninas, vão sentar.
 ((Muitas conversas paralelas))
 PR: Oh Erick, por favor...
 Allan pare...
 ((A professora começa a fazer a chamada, como são muitos alunos, leva muito tempo só para fazer a chamada))
 PR: Meninos, por favor...
 Oh, Caio Douglas.
 Pessoal, vou fazer algumas questões sobre o Filme.
 Copiem, pois vai valer nota.
 AL1: Quanto vai valer professora?
 Vou contar todos os vistos e vou somar com A participação e a frequência, ai eu vou dar a Nota.
 ((Enquanto isso, a professora vai até o quadro e começa a copiar as questões))
 PR: Ei, façam silêncio e vão copiar as questões.
 Erick e Caio Douglas... Parem com isso
 Agora!
 Vão copiar o exercício e pare com essa Conversa.
 AL2: Professora, como é que se escreve o nome
 Daquele homem do filme é em inglês, eu não Sei escrever não?
 PR: É assim...
 ((A professora escreve o nome do personagem no quadro))
 AL3: Professora essa é a resposta da questão 1?
 PR: Você vai escrever o nome dos personagens Principais, quem são?
 VA: Tharles e Julia.
 ((Uma aluna dá um grito bem alto))
 PR: Quem foi essa engraçadinha que fez isso?
 Ta querendo levar um BO.
 ((O BO é o boletim de ocorrência da escola, se o aluno levar um BO, só entra no outro dia acompanhado com os pais. Se estiver 3 Bos o aluno é suspenso da escola))
 AL4: Olhe Vanessa, vá fazer isso de novo.
 Se você levar um Bo...

AL5: Não diga não, que fui eu...

AL4: Ta certo, eu não vou dizer.

PR: Gente, façam silêncio, por favor...
Psiu...

((Os alunos continuam conversando))

()

(A professora termina de copiar as questões, foram 10 questões para os alu...
responderem))

PR: Vamos cuidem em responder o
Exercício...
Vai valer uma nota.

AL5: Professora, num vai dar tempo terminar
Hoje não.

PR: Eu sei, como hoje é sexta-feira, vocês
Terminam em casa e na segunda-feira
Eu dou o visto.

Gente, só dou o visto segunda-feira,
Lembrem. Depois eu não dou mais,
Estão ouvindo?

VA: Sim, professora.

PR: Façam silêncio...

Psiu!

Pessoal, segunda-feira eu conto os
Vistos, para dar a nota.

((O sinal toca))

PR: Gente, tchau, até segunda.
Traga o exercício pronto!